

Folha de exercícios A (júnior)

A criação de Portugal e o Mosteiro de Lorvão

O Livro das Aves e o Apocalipse do Lorvão foram obras criadas numa época muito próxima das origens de Portugal como país, século XII. Quando o Livro das Aves foi produzido ainda era rei D. Afonso Henriques. Ainda que seja complexo saber quais as razões que levaram o nosso primeiro rei a fundar Portugal, é um facto que a sua estratégia passou por fazer de Coimbra o centro do poder e pela criação de mosteiros

para manutenção sob domínio cristão dos recém-conquistados territórios. Exemplo dum desses importantes centros de manutenção da paz e “articuladores da ordem social” é o Mosteiro do Lorvão. Sinal da sua importância as muitas doações e benesses que recebe, nomeadamente do nosso primeiro rei. Na altura em que são produzidos os dois livros era um convento rico.

O Mosteiro de São Mamede do Lorvão

O Mosteiro do Lorvão, cuja fundação remonta provavelmente ao século IX quando se dá a reconquista de Coimbra (878), adopta a Regra de São Bento a partir do século XI tornando-se um mosteiro beneditino.

Os monges desta ordem eram incentivados à leitura como forma de “cultivar e desenvolver a sua espiritualidade” pelo que, era atribuída grande importância à constituição de uma biblioteca.

A Regra beneditina determinava que cada monge devia começar a leitura de um livro no início de cada Quaresma devendo, igualmente, dedicar-se à leitura algumas horas por dia.

A importância deste mosteiro será atestada pelas sucessivas doações que são feitas ao longo da sua existência.

No início do século XII, mais precisamente em 1106, o Mosteiro do Lorvão, recebe uma importante doação da parte do conde D. Henrique e da rainha D. Teresa.

Uma interessante notícia de 1138 dá-nos conta de um pagamento anual, a efectuar por um denominado Nuno Mendes ao mosteiro, consistindo numa “pele de cordeiro”, material essencial ao funcionamento dum scriptorium, o que comprova que este se encontrava então activo.

As benesses que o primeiro rei de Portugal, D. Afonso Henriques, concede ao mosteiro atestam a sua crescente importância.

Durante o governo do abade João (1162-1192), considerado um período de “desafogo financeiro” e de “notável” actividade “do scriptorium laurbanense”, serão executados, entre outros, o Livro das Aves (1184) e o Apocalipse do Lorvão (1189).

Dos manuscritos executados no mosteiro do Lorvão durante o século XII, actualmente conservados no IAN-TT, chegaram até nós apenas seis, entre os quais se encontram os dois já citados. Este número, apesar de não nos permitir tirar elações quanto à real actividade do scriptorium permite-nos, no entanto, certificar a sua existência.

Em 1199 o mosteiro recebe, uma vez mais, uma importante doação por parte dum membro da realeza, desta feita da rainha D. Teresa, filha de D. Sancho I e neta de D. Afonso Henriques.

Entre Fevereiro de 1205 e Setembro de 1206 instaura-se um processo de afastamento dos monges beneditinos do Lorvão conduzido pelo próprio bispo de Coimbra, D. Pedro Soares, cujo desfecho levará à sua expulsão.

Com a entrada, em 1205, das primeiras monjas e da própria D. Teresa, torna-se então num convento feminino da ordem cisterciense.

Bibliografia

BORGES, Nelson Correia, Arte Monástica em Lorvão. Sombras e Realidade. Das origens a 1737, volume I, Ministério da Ciência e Tecnologia, Fundação para a Ciência e tecnologia, Fundação Calouste Gulbenkian, 2002.

Sites na Internet:

<http://lazer.publico.pt/artigo.asp?id=6608>

http://www.ippar.pt/monumentos/conjunto_lorvao.html

<http://www.turismo-centro.pt/regiao/cultura/monumentos/index.htm>

<http://aosabordomomento.blogspot.com/2005/07/uma-visita-ao-mosteiro-do-lorvo.html>

http://www.monumentos.pt/Monumentos/forms/002_B1.aspx

Folha de exercícios B (júnior)

Os materiais e técnicas da Iluminura Medieval

A imprensa ainda não tinha sido inventada, por isso na Idade Média os livros tinham de ser escritos e ilustrados à mão. Era um trabalho árduo e demorado. Nos primeiros tempos da criação dos Mosteiros e Conventos todas as partes do Livro eram feitas pelos monges.

O pergaminho

O suporte para a ilustração, iluminura, bem como para a escrita era o pergaminho. Este oferecia uma superfície lisa, homogênea, quase impermeável, que permitia que a escrita e a cor aderissem ao suporte sem "esborratar". Para um livro como o Apocalipse do Lorvão terão sido necessárias cerca de 112 ovelhas. As operações que transformam uma pele coberta de pelos e gorduras numa folha branca de textura aveludada estão descritas no Caderno Pergaminho. Resumidamente, as peles eram, antes de mais, mergulhadas numa mistura

muito corrosiva de água e cal, onde ficariam a macerar durante vários dias. Cada pele tem dois lados, o verso, ou costas, onde estavam os pelos, e o reverso, ou flor. Quando a pele era retirada do banho seria depilada e raspada. Depois de bem limpa seria muito bem esticada e tornada tão fina quanto possível. Nesta última fase, podia-se também esfregar o reverso com giz, tornando-a branca e opaca. De seguida, seria cortada com as dimensões necessárias ao códice a copiar ou criar.

As cores



Os monges também preparavam as suas tintas para escrever e os pigmentos para pintar. Os pigmentos são as cores que utilizamos para fazer

uma tinta para pintar. Existem 3 cores principais no Apocalipse do Lorvão: o vermelho, o laranja e o amarelo. Estas eram consideradas as cores da luz. O Livro das Aves tem uma paleta muito mais variada: azul, laranja, carmim, vermelho, amarelo, verde, preto e branco. Os pigmentos utilizados para colorir os desenhos foram obtidos a partir de diferentes minerais. A única cor que não tem uma origem inorgânica é o carmim, obtido a partir da matéria corante existente numa resina, a goma laca, excretada por um insecto parasita. Alguns dos minerais não existiam em Portugal e podiam vir de muito longe, de países tão distantes como o Afeganistão ou o Irão. É o caso da cor azul, do lápis-lázuli, que era mais valioso que o ouro. Outros, como o laranja ou o vermelhão, já podiam ser obtidos por síntese, sendo muito mais económicos. Mas, era preciso ter as receitas de como os preparar, segredos que os monges possuíam. As tintas para escrita eram feitas a partir de bugalhos: esmagavam-se, ferviam-se em água, e ao suco assim obtido, era adicionado um sal de ferro, o vitriol. Obtinha-se uma tinta de cor preta e densa, muito escura, a que se chama ferrogálica. As letras escritas com esta tinta, com o tempo, passam de uma cor preta para o castanho que estamos habituados

a ver nos códices muito antigos. As canetas para escrever eram feitas a partir de penas de aves de grande porte, como o ganso ou o peru, e de caniços. Estes, depois de cortados com a dimensão desejada e de preparado o aparo com um canivete, denominavam-se cálamos. Ambas as tintas, para escrever e para pintar, eram completadas por adição de uma cola, o ligante, que permitia que a cor aderisse ao pergaminho. Este ligante podia ser uma cola animal, como a obtida cozendo restos de pergaminho, ou uma resina vegetal, solúvel em água, como a goma arábica, a resina de pessegueiro ou de cerejeira.

No Apocalipse do Lorvão as iluminuras foram pintadas com tintas obtidas misturando uma cola de pergaminho com os minerais ou ropigmento (amarelo), vermelho de chumbo (laranja) e vermelhão (vermelho). Os contornos foram feitos a tinta de escrever. Para preparar a tinta, o pigmento é previamente moído e de seguida muito bem misturado com a cola de pergaminho. Esta é depois aplicada a pincel. No Livro das Aves usou-se também uma cola animal, vermelho de chumbo e vermelhão, para além de lápis-lázuli, verdete, ocre castanho, branco de chumbo, negro de carvão e o corante goma laca.

Consultar *Cadernos Pigmentos, Tintas e Instrumentos de escrita*



A iluminura: desenho e cor

Primeiro esboçava-se o desenho. Os monges tinham alguns truques que podiam ajudar: usavam modelos cujos contornos picotavam; para passar o desenho do modelo podiam picotá-lo directamente para o pergaminho ou fazer cair pó de carvão sobre o picotado do modelo para obter um contorno. Este desenho era normalmente passado a tinta de escrever. Só depois se coloria. Aqui também havia truques que ajudavam a saber qual a sequência de uso das cores

por forma a obter o máximo efeito. Os truques podiam ser simples, como no Apocalipse, ou mais complexos como no Livro das Aves, onde se tentava obter volumes, como se descreve para a inicial da Folha de actividades #2. A maioria dos efeitos era obtido sem mistura de cores. Os pigmentos eram utilizados puros e podiam ser aclarados (por adição de branco).

Consultar *Folhas de Actividade*



Folha de exercícios C (júnior)

Os escribas: copistas, iluminadores e seus métodos de trabalho



Os escribas eram os monges que tinham como tarefa escrever, decorar e ilustrar os livros antigos. Tanto o Apocalipse do Lorrão como o Livro das Aves estão escritos em Latim, com um tipo de letra designada de gótica. Não temos informação sobre quais os escribas que trabalharam no Livro das Aves, mas conhecemos o nome do copista que transcreveu o texto do Apocalipse do Lorrão, Egeas. Não sabemos se terá sido também ele o iluminador responsável pelas ilustrações e, pelas letrinas- as bonitas iniciais que ajudavam a marcar o ritmo da leitura. O copista tinha uma caligrafia muito bonita e regular, que aprendeu e treinou no Mosteiro. A letra era desenhada cuidadosamente e a caneta de aparo teria de ir sendo afiada, para além de ser necessário ir mergulhando continuamente o bico na tinta; era também preciso estar concentrado para evitar erros: ser copista era uma tarefa exigente. Como, nessa época, não tinham borrachas nem tinta

correctora, os monges apagavam os seus erros com a faca raspadeira, ou então assinalavam-nos no texto, com pontos vermelhos, por exemplo; quando faltava uma letra ou palavra, emendavam escrevendo por cima. Copiar e ilustrar um livro inteiro era um trabalho muito árduo e, por vezes, quando o terminavam e assinavam, os escribas deixaram-nos os seus desabafos no cólofon, a assinatura final da obra. Estas lamentações podiam ir de coisas tão simples como a posição forçada que, dia após dia, tinham que tomar, debruçados sobre a folha de pergaminho, como o frio terrível que sentiam nos pés, dedos enregelados e outros incómodos de uma época que não conhecia o aquecimento central. Nos dias mais difíceis, até as tintas congelavam! Mas, era também um trabalho muito importante, que só os mais sabedores e qualificados podiam levar a cabo, e os monges tinham disso consciência.

Nos primeiros tempos de expansão do Cristianismo, aquando da criação e instalação das grandes ordens em Mosteiros como a dos Beneditinos que fundaram o do Lorrão, todos os trabalhos relacionados com a produção do livro - códice - eram feitos pelos monges, que se organizavam como uma comunidade auto-suficiente. Nesta época pioneira, o códice e a Biblioteca eram de importância vital para a vida monástica, que se organizava em torno da Palavra de Deus. Não era mesmo possível abrir um mosteiro sem Biblioteca.

A Casa Mãe encarregava-se das primeiras remessas de livros e nos Mosteiros mais ricos e importantes produziam-se e copiavam-se, de forma organizada e eficiente, num local que se designava scriptorium.



O scriptorium

À frente do scriptorium fica um responsável que selecciona os livros a transcrever, adquire os materiais, treina os seus auxiliares, e coordena as diversas actividades do escriba: copista, iluminador, rubricador, dourador, etc. Este responsável pode ser o próprio Abade. Para a escrita e ilustração são exigidas diferentes mestrias que raramente se encontram numa só pessoa, e assim cada um se especializa numa actividade. Depois de escolher cuidadosamente os materiais (pergaminho, tintas, instrumentos de escrita) é necessário também seleccionar os mais competentes, os peritos no desenho, nas letrinas, no douramento e na caligrafia.

Os livros podem ser emprestados para serem copiados, ou ser trazidos por um monge copista, como foi Mágio, que no séc. X, levando os seus serviços de Mosteiro em Mosteiro, se deslocava com um Apocalipse debaixo do braço e realizava em diversos locais uma cópia.



Folha de exercícios D (júnior)

Imagens do Livro das Aves e do Apocalipse

O Livro das Aves



O Livro das Aves pertencente ao fundo do Lorrão foi copiado no scriptorium do mosteiro no ano de 1184, quando este ainda era beneditino, conforme atesta o respectivo colofon: ad honorem Dei et sancti Mametis in Monasterio laurbanense est scriptus liber iste. In diebus Johannis abbatis FI-

NITO LIBRO DONA DENTUR LARGIORA magistro. Era M.C.C.XXII. Está escrito em letra gótica contendo iniciais ornadas a vermelho e a azul, rubricas a vermelho e ilustrações utilizando uma paleta variada de cores conforme poderás observar. Contém o programa completo de ilustração do texto que segue o modelo produzido numa abadia francesa que se encontra conservado em Heiligenkreuz, Áustria, com a cota Ms 226.

Hugo de Folieto, o seu criador, teoriza acerca do poder da imagem e justifica a riqueza e variedade de imagens que estes códices contêm. A imagem visual não só explicita o texto mas atrai a atenção e estimula a imaginação daqueles a quem este se destina como ele explica no primeiro prólogo:

Como tenho de escrever para um iletrado, não se admire o zeloso leitor se, para edificação daquele, eu disser coisas simples sobre assuntos subtis. E não atribua a frivolidade eu pintar o falcão ou a pomba, quando já o justo Job e o profeta David nos deixaram este tipo de aves para doutrinar. Com efeito, o que a Escritura indica aos mais sabedores indicará a pintura aos simples: tal como o sabedor se deleita com a subtileza da escrita, também o espírito dos simples é atraído pela simplicidade da pintura. Quanto a mim, empenho-me mais em agradar aos simples do que em falar aos mais doutos, como se deitasse líquido numa vasilha cheia. De facto, quem ensina um homem sapiente por palavras como que deita líquido numa vasilha cheia.

(tradução de Maria Isabel Rebelo Gonçalves, Obra citada, p.59)

No manuscrito do Lorrão, o programa iconográfico do primeiro prólogo começa com uma imagem particularmente interessante em que a pomba e o falcão surgem sobre arcos ultrapassados, encimados de arquitecturas que representam simbolicamente a Jerusalém Celeste (ver ficha de actividade #9). As restantes representações das aves mostram-nas inseridas em molduras circulares com legenda a vermelho.

O Apocalipse do Lorrão



O Apocalipse do Lorrão, faz parte dum vasto grupo de manuscritos denominados Beatos, nome derivado de Beato de Liébana, monge que viveu na transição do século VIII para o século IX, em Liébana (Mosteiro de Santo Toribio, então dedicado a São Martinho) e que redigiu um

comentário ao Apocalipse de São João, num ambiente de crença de Fim do Mundo, acentuado pelo aproximar do fim do milénio. Deste comentário foram realizadas numerosas cópias que conjugavam o texto bíblico, o comentário e as respectivas imagens.

No século XII, razões de ordem histórica ligadas ao avanço Almóada na Península Ibérica a par de um renascer do espírito apocalíptico, dão origem a um novo surto de comentários historiados ao Apocalipse, no qual o nosso manuscrito se insere, sendo a única cópia desta época que se encontra datada. Está escrito em latim, em letra gótica-primitiva.

Um outro factor curioso é a utilização duma paleta de cores extremamente reduzida na medida em que se restringe a apenas três cores dominantes, amarelo, laranja e vermelho e ao preto, cor aplicada

em circunstâncias específicas, acentuando a carga simbólica de uma determinada cena (como podemos observar no fl.54r na “mensagem a Esmirna”). É bem patente, nas iluminuras, a primazia dada pelo iluminador do nosso manuscrito, ao desenho, característica específica da nossa arte românica, visível nos vestígios chegados até nós, esculpidos nos pórticos e nos capitéis das nossas igrejas. A forma exímia como ele desenha as asas dos anjos acentuando o movimento da figura (como se pode verificar no fl.54r), a multiplicidade dos rostos representados, individualizados através do traço, bem como os numerosos elementos representativos da vida quotidiana, em que a cena da vindima (fl.172v) é um dos exemplos mais marcantes a par da iluminura representando “os 4 cavalos” (fl.108v) onde podemos observar o equipamento militar dum cavaleiro do século XII bem como a sua forma de montar, demonstram uma grande capacidade artística. Ora, a análise do conjunto das iluminuras permite-nos avançar que, muito provavelmente, a escolha duma tão reduzida paleta de cores foi propositada. O amarelo, o cor-de-laranja e o vermelho serão utilizados para delimitar cenas, para individualizar acontecimentos numa mesma cena, funcionando mesmo como elemento de interligação entre registos diferentes (como no fl.54r – “mensagem a Esmirna”), destacando o desenho, essência da mensagem veiculada. Actualmente encontra-se guardado no IAN-TT, em Lisboa, conjuntamente com os restantes manuscritos que formam o fundo do Lorrão, com a cota Lorrão 43 (casa forte 160)

Bibliografia

- KLEIN, Peter K., Beato de Liébana. La ilustración de los manuscritos de Beato y el apocalipsis de Lorrão, Patrimonio ediciones, València, 2004.
GONÇALVES, M. I. R., Livro das Aves, Edições Colibri, 1999.

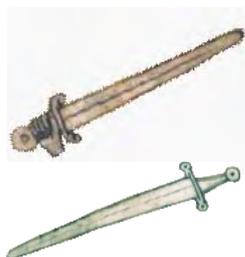
Folha de exercícios E (júnior)

A arte de guerrear



Em meados do século XI a guerra, até então considerada apenas sob um ponto de vista de ataque relâmpago no intuito de obter um saque que ia das riquezas apreendidas à captura de prisioneiros, passa a ter como objectivo primeiro a conquista de território. Aquelas operações de ataque, denominadas de fossado, eram levadas a cabo por um pequeno grupo de cavaleiros com equipamento leve e armados de lanças, uma vez que se tratavam de combates travados a uma certa distância evitando o contacto. Tinham sobretudo lugar durante a Primavera.

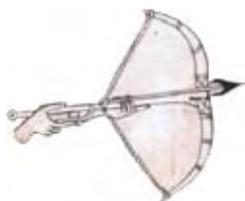
A Espada



Com o surgimento da nova forma de guerrear, centrada na conquista de território, assiste-se à formação da cavalaria pesada, preparada para enfrentar um combate de proximidade física. Esta mudança traduz-se pelo aparecimento de um novo tipo de equipamento e pelo acentuar da importância dada à protecção do corpo do próprio cavaleiro, numa 1ª fase, e do

cavalo numa fase mais avançada. A lança é então substituída pela espada, como arma de combate, que progressivamente adquire uma importância simbólica na cerimónia de armar um cavaleiro, tornando-se um elemento identificador da nobreza. Até ao século XIV as espadas mantiveram praticamente a mesma tipologia: gumes paralelos e remates romboidais destinados a cortar, sendo visível ao longo de dois terços do comprimento da peça um canal designado de goteira ou sangradouro; guardas rectas ou ligeiramente encurvadas destinadas a proteger a mão do cavaleiro e um pomo discoidal.

O arco e a Besta

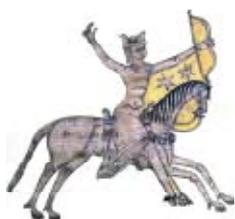


Além da espada, no Apocalipse do Lorvão e no Livro das Aves encontram-se também representadas duas armas de combate: o arco e a besta. O arco, arma mais antiga, podia ser simples ou composto; este último formado por elementos que se justapõem surge representado no Livro das Aves e no Apocalipse do Lorvão. A besta (Livro das Aves, fl.5v), difundida no século XI, vê a sua utilização generalizar-se a partir do século XII, tornando-se uma das armas mais temidas nos combates

medievais pela sua capacidade certa de tiro. Contrariamente ao arco, podia ser armada, ficando nessa posição até à altura considerada a mais indicada para disparar.

Ambas as armas servem para disparar setas. As do arco, de pontas mais leves, apresentam na extremidade da haste três guias em penas (como é possível observar no fl.5v do Livro das Aves e no fl.115 do Apocalipse do Lorvão) sendo as da besta, denominadas de virotos, mais curtas que as setas para arco. No entanto, no Livro das Aves, as pontas lanceoladas das setas do arco e da besta identificam-nas como sendo projecteis destinados à caça e não com fins militares.

A sela



O surgimento de um novo tipo de sela de arções elevados, envolvendo a zona dos rins, designada por “sela francesa” nos documentos da época, bem como do estribo, peça que permitia um melhor apoio, contribuem em muito para a estabilidade do cavaleiro na sua montada permitindo-lhe libertar as mãos para o manuseamen-

to das armas de combate. Por outro lado, o uso de esporas de espeto nos pés vai facilitar a impulsão do cavalo no momento preciso. Ao longo do século XII assiste-se a uma evolução da espora que passará a apresentar uma curvatura lateral dos braços de forma a melhor se adaptar à anatomia do pé do cavaleiro (como se pode verificar nos fólhos 108v e 115, entre outros, do Apocalipse do Lorvão).

Bibliografia

História de Portugal, dir. José Mattoso, vol. I, Lisboa, Círculo de Leitores.

Pera guerrear. Armamento medieval no espaço português, Exposição, Câmara Municipal de Palmela, 2000.

